

---

# NOTA METODOLÓGICA PARA O RELATÓRIO DA OXFAM DE 2017 "UMA ECONOMIA PARA OS 99%"

---

O relatório da Oxfam para 2017 é o mais recente de uma série que analisou a desigualdade econômica e os fatores que a impulsionam. Cada um dos relatórios dessa série foi publicado para coincidir com a reunião anual do Fórum Econômico Mundial, realizada em Davos. A cada ano, esses relatórios incluíram uma análise da desigualdade de riqueza com base em dados do relatório *Global Wealth Databook* do banco Credit Suisse e na lista de bilionários da revista *Forbes*.

Janeiro de 2014: *Trabalhando para os Poucos*

Janeiro de 2015: *Riqueza: ter tudo e querendo mais*

Janeiro de 2016: *Uma economia para o 1%*

Janeiro de 2017: *Uma economia para os 99%* [[www.oxfam.org.br/davos2017](http://www.oxfam.org.br/davos2017)]

Esta nota metodológica descreve o contexto e a abordagem usados pela Oxfam para desenvolver o relatório deste ano, bem como nossas principais estatísticas sobre a distribuição da riqueza.

## Contexto e abordagem do relatório "Uma Economia para os 99%"

Nos últimos anos, temos observado uma proliferação de dados e análises sobre a desigualdade econômica, incluindo os contidos em publicações anteriores da Oxfam. As pesquisas documentais da Oxfam consolidam investigações e evidências disponíveis sobre a desigualdade econômica e sua relação com a pobreza, além de levantarem evidências da vinculação entre as atividades de grandes empresas multinacionais e de indivíduos super-ricos e a desigualdade. A Oxfam usa os dados mais atuais sobre a distribuição da riqueza para desenvolver estatísticas que chamam atenção para como a riqueza está sendo distribuída (veja abaixo). A Oxfam também trabalha em quase 100 países em todo mundo, nos quais colhe evidências para suas publicações. No trabalho programático que desenvolve na afiliada do Brasil e nos escritórios que mantém no Quênia e Vietnã, a Oxfam colheu, em 2016, histórias relevantes e poderosas e realizou entrevistas no intuito de dar vida às suas pesquisas e estatísticas. Essas histórias foram relatadas em boxes incluídos ao longo do relatório "Uma Economia para os 99%" e em outros materiais elaborados separadamente para a mídia.

A Oxfam identificou seis premissas predominantes do discurso econômico. Cada uma dessas premissas foi detalhadamente descrita no intuito de demonstrar que são, na verdade, profundamente falhas – com base em pesquisas que revelam suas limitações e a necessidade de serem cuidadosamente analisadas. A seção final do relatório lança as bases para uma narrativa econômica alternativa, baseada em oito princípios desenvolvidos pela Oxfam no seu trabalho de anos repensando a economia e propondo modelos empresariais alternativos. Cada princípio é descrito em termos de valores e objetivos subjacentes e, sempre que possível, são apresentadas evidências de como esses princípios podem ser aplicados na prática.

O relatório *Uma economia para os 99%* procura consolidar o que a Oxfam sabe sobre os problemas ocasionados pela desigualdade extrema e sugere como a economia global e as economias nacionais podem ser reformuladas e redirecionadas para um caminho mais justo.

## Dados sobre a distribuição da riqueza

A cada ano, no Fórum Econômico Mundial, a Oxfam chama a atenção para estatísticas que revelam a desigualdade extrema da riqueza global. A Oxfam está preocupada com a questão da distribuição da riqueza porque sabe como ela é importante para pessoas que vivem em situação de pobreza, particularmente para os que não têm terra. A riqueza líquida determina a capacidade de recuperação financeira das pessoas (ou sua falta) diante de imprevistos, como uma má colheita ou a necessidade de arcar com despesas médicas inesperadas. Ela também garante oportunidades de investir no futuro e em melhores meios de vida. Para os mais ricos, a riqueza é uma fonte de poder e influência; como ela gera renda, pode se acumular rapidamente e ampliar ainda mais o fosso entre ricos e pobres.

No seu esforço para compreender a natureza da riqueza e da sua distribuição, a Oxfam identificou originalmente o relatório *Global Wealth Databook* do banco Credit Suisse como o que oferece o melhor e mais completo conjunto de dados disponíveis sobre o tema. Esse relatório baseia-se em quase uma década de pesquisas e análises de **acadêmicos renomados**. A cada ano, o banco reúne os dados mais atualizados de balancetes contábeis e pesquisas domiciliares nacionais sobre estoques de riqueza e sua distribuição dentro dos países. Para cada país, a qualidade dos dados é avaliada, podendo variar de "baixa" a "alta". O banco avalia, de forma geral, que a qualidade dos dados é maior para países mais ricos, que é

onde a maior parte da riqueza mundial está localizada. Ele usa essas fontes de dados para fazer uma compilação da distribuição da riqueza global e elaborar tabelas com dados nacionais e regionais, inclusas em seu relatório, além de publicar um relatório suplementar que analisa esses dados.

Considerando a intensa concentração da riqueza no topo da distribuição e, portanto, a importância dos que estão nesse topo, usamos uma fonte de dados mais granulares, que medem a riqueza líquida dos indivíduos mais ricos do mundo. Há 30 anos, a revista *Forbes* vem compilando uma lista anual de bilionários com estimativas da sua riqueza líquida. A revista usa métodos investigativos para calcular a riqueza líquida de cada indivíduo. Segundo a *Forbes*, "ao longo de cada ano, nossos repórteres se reúnem com candidatos à inclusão na lista e seus representantes e entrevistam funcionários, rivais e advogados dessas pessoas, bem como analistas de valores mobiliários. Acompanhamos suas atividades: os negócios que fazem, terras que vendem, quadros de artistas que compram, causas que apoiam financeiramente. Para estimar o valor líquido desses bilionários, avaliamos seus ativos, considerando as ações de empresas públicas e privadas que possuem, seus imóveis, iates, obras de arte, recursos financeiros disponíveis – e dívidas".<sup>1</sup>

Em janeiro de 2014, a Oxfam comparou pela primeira vez os dados divulgados por essas duas fontes, o banco Credit Suisse e a revista *Forbes*. O relatório *Global Wealth Databook* de 2013 revelou que os 50% mais pobres da população mundial detinham, naquele ano, apenas 0,7% da riqueza líquida global, que somava US\$ 1,7 trilhão. Com base na lista de bilionários da *Forbes* de 2013, só precisamos somar a riqueza das 85 pessoas mais ricas do mundo para chegar a uma cifra superior a US\$ 1,7 trilhão.<sup>2</sup>

Nos anos seguintes, a Oxfam continuou a usar essas fontes de dados para compreender e ilustrar a distribuição da riqueza. Os dados divulgados por essas duas fontes foram aprimorados ao longo desse período. O *Databook* do banco Credit Suisse depende de fontes de dados estabelecidas por diferentes países. A cada ano, à medida que fontes mais atualizadas são disponibilizadas, suas estimativas são ajustadas de acordo com essas atualizações. Em 2014, a lista de bilionários da *Forbes* passou a ser divulgada ao vivo, com a riqueza líquida dos bilionários incluídos nessa lista sendo atualizada em tempo real, bem como a flutuação diária do valor dos seus ativos. No entanto, para os nossos cálculos, continuamos a usar a lista anual definida no final do mês de fevereiro de cada ano. Desde 2014, a Oxfam vem publicando estatísticas anuais sobre a desigualdade de riqueza com base nessas fontes de dados, revisadas e atualizadas. Por essa razão, elas constituem "estatísticas atualizadas" e não são diretamente comparáveis ano a ano.

Com base nos dados divulgados pelo banco Credit Suisse em 2016, a riqueza dos 50% mais pobres da população mundial é menor que a estimada anteriormente: eles detêm apenas 0,2% da riqueza global total, ou US\$ 409 bilhões. O cálculo, baseado na lista da *Forbes*, é simples: somando-se a riqueza de 8 bilionários, obtém-se a soma de US\$ 426 bilhões, que é superior à riqueza total dos 50% mais pobres do mundo.

A queda na participação dos 50% mais pobres na riqueza global deve-se, em grande parte, à disponibilidade de novas fontes de dados da Índia e da China, as quais revelam que a riqueza detida pelos que estão nos decis mais baixos da distribuição é menor que a estimada anteriormente. O grupo dos decis mais baixos tem mais dívidas e o dos 30% a 50% mais pobres da população mundial tem menos ativos.

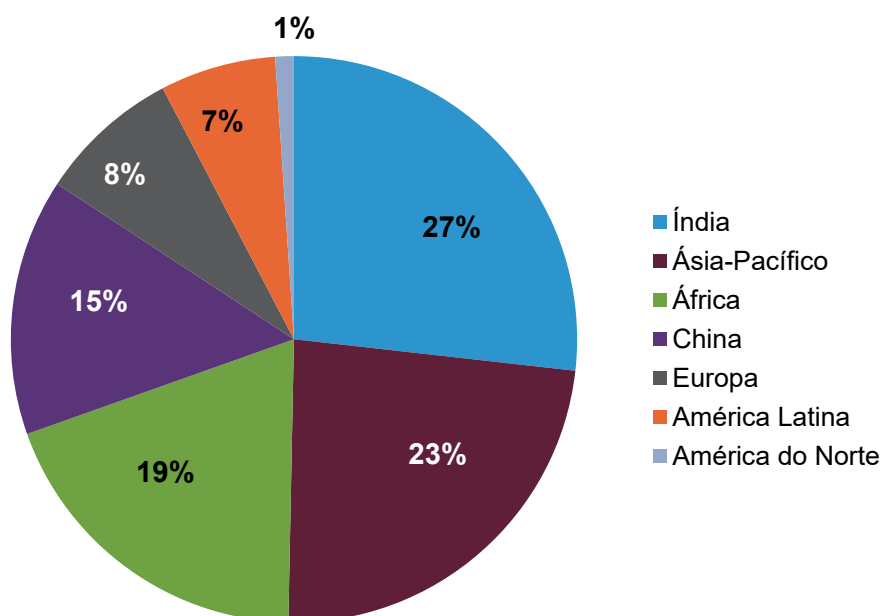
A desigualdade de riqueza que esses cálculos ilustram tem atraído muita atenção devido ao nível absolutamente inaceitável de desigualdade que revelam e aos próprios dados e cálculos usados nessa estimativa. Apresentaremos, abaixo,

respostas para algumas das perguntas mais frequentes que podem ser feitas sobre esses cálculos.

## E a questão das dívidas?

Na distribuição da riqueza global, algumas pessoas que acreditamos não serem pobres são enquadradas no grupo dos mais pobres pelo fato de terem dívidas líquidas. Essas pessoas podem estar endividadas, embora sejam ricas em termos de renda, em decorrência da existência de mercados de crédito que funcionam bem (imagine, por exemplo, um graduado pela Universidade de Harvard que contraiu dívidas para se formar). Há diversos casos dessa natureza. No entanto, em termos demográficos, esse grupo é insignificante no nível global agregado. A Figura 1 mostra que apenas 1% das pessoas que pertencem ao grupo dos 50% mais pobres da população mundial vive na América do Norte, enquanto 70% delas vivem em países de baixa renda.

**Figura 1: Discriminação regional da população dos 50% mais pobres do mundo**



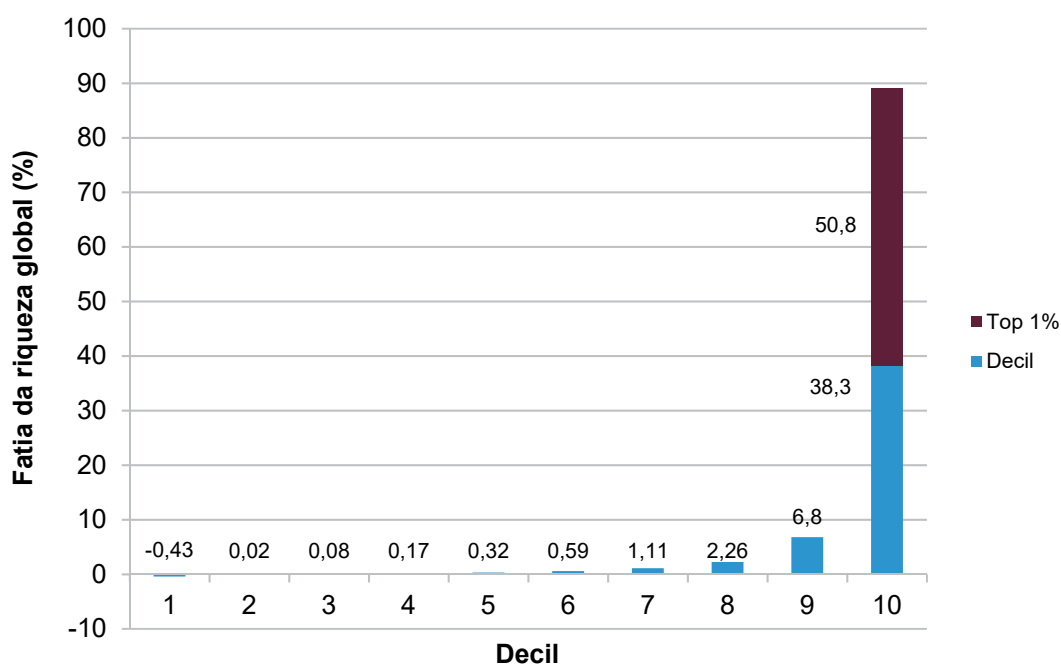
O único decil que tem dívidas líquidas – ou seja, que tem mais dívidas que ativos – é o dos 10% mais pobres. A dívida líquida total dos 10% mais pobres da população mundial também é equivalente a apenas 0,4% da riqueza global geral, ou US\$ 1,1 trilhão. É verdade que a maior parte dessa dívida foi contraída por pessoas que vivem na América do Norte (US\$ 371 bilhões) e na Europa (US\$ 612 bilhões). No entanto, seria incorreto concluir que todas elas são pessoas de alta renda com dívidas estudantis ou outras dívidas contraídas por conta de outros investimentos produtivos semelhantes. O relatório sobre a riqueza global do banco Credit Suisse analisa esse grupo detalhadamente e revela que "os 'fatores de risco' mais associados ao quintil mais pobre da distribuição são os de uma pessoa ser jovem, solteira ou de baixa escolaridade. Os fatores secundários, por sua vez, são os de uma pessoa ter três ou mais filhos ou se enquadrar na categoria de 'outros que não trabalham' (ou seja, dos desempregados ou das pessoas com deficiência, não dos aposentados)". Essas revelações são confirmadas pela experiência da Oxfam de trabalhar com algumas das pessoas mais afetadas pela pobreza nos Estados Unidos e no Reino Unido. "Na maioria dos casos, o maior 'risco' reside no fato de uma pessoa ter menos de 35 anos de idade, que aumenta a sua vulnerabilidade em 15% em média. Essa constatação

não surpreende e reflete o fato de pessoas abaixo de 35 anos estarem no início do seu ciclo de vida de poupança e acumulação de riqueza. Nos últimos anos, no entanto, os jovens têm enfrentado dificuldades particulares, inclusive a provocada pelo aumento desproporcional do desemprego observado após a eclosão da crise financeira global. A frequência maior e as somas mais altas envolvidas nos empréstimos estudantis podem também ter aumentado a probabilidade de um jovem se enquadrar na cauda inferior da distribuição da riqueza".<sup>3</sup> Nos países ricos, alguns dos endividados são também os mais pobres da sociedade, que são forçados a contrair empréstimos para sobreviver.

Os dados revelam que há pessoas com dívidas líquidas não apenas em países mais ricos, já que 10% das pessoas que vivem em todas as regiões do mundo, inclusive na China, na Índia e na África, têm dívidas líquidas. Não é possível determinar, com base nos dados disponíveis, quais as circunstâncias que levaram pessoas que vivem em países em desenvolvimento a contraírem dívidas líquidas. Não se sabe ao certo se essas dívidas se devem a microfinanciamentos contraídos, à existência de mercados de crédito mais robustos ou a dívidas acumuladas para fins de consumo. Diferentemente de empréstimos para compra de um imóvel para moradia, nos quais uma dívida hipotecária pode ser diretamente compensada com o valor do imóvel adquirido, é muito difícil quantificar adequadamente ativos e seus passivos associados em diferentes contextos. No entanto, a aparente ausência de bens familiares e a existência de dívidas em países (particularmente em países com sistemas limitados de aposentadoria e assistência médica, por exemplo) constitui uma preocupação e exige pesquisas mais aprofundadas.

Em todo o mundo, a maioria das pessoas endividadas é efetivamente muito pobre; no entanto, independentemente da natureza e das consequências do endividamento líquido na parte inferior da distribuição mundial, observa-se claramente que isso não altera a situação de extrema concentração de riqueza observada na economia global (veja a Figura 2). Ainda que toda a dívida líquida desse grupo fosse ignorada (na verdade, a riqueza negativa detida pelos 10% mais pobres do mundo), a riqueza positiva do restante dos 50% mais pobres ainda somaria apenas US\$ 1,5 trilhão. Mesmo assim, apenas 56 dos indivíduos mais ricos do mundo deteriam uma riqueza igual à detida por esse grupo.

**Figura 2: Distribuição global da riqueza por decil**



## **E o que dizer das taxas de câmbio?**

Como o banco Credit Suisse publica suas análises em dólares dos Estados Unidos, a riqueza detida em outras moedas precisa ser convertida para aquela moeda. Esse fato suscita questionamentos em relação à adequabilidade dessa abordagem, já que mudanças ao longo do tempo na riqueza líquida em um determinado país ou região podem ser decorrentes de flutuações nas taxas de câmbio, que pouca diferença fazem para pessoas que desejam usar sua riqueza internamente. Efetivamente, a riqueza no Reino Unido caiu em mais de US\$ 1,5 trilhão no ano passado em decorrência da desvalorização da libra esterlina. No entanto, flutuações nas taxas de câmbio não são capazes de explicar a persistente desigualdade de riqueza de longo prazo que o banco Credit Suisse revela. Os 50% mais pobres do mundo nunca detiveram mais de 1,5% da riqueza total desde 2000 e o 1% mais rico nunca deteve menos de 46%. Desde então, o valor do dólar tem variado muito, caindo na década de 2000 e se valorizando desde 2011.<sup>4</sup> Considerando a importância do capital comercializado internacionalmente nos estoques da riqueza global, as taxas de câmbio continuam a ser um meio adequado para se converter moedas.

## **Por que isso é importante, considerando que a pobreza de renda vem caindo?**

Em 1990, 35% da população mundial viviam abaixo da linha de extrema pobreza. Após três décadas de medidas de redução da pobreza, estima-se que, em 2015, menos de 10% da população mundial viviam abaixo dessa linha, definida em US\$ 1,90 por dia.<sup>5</sup> Embora esses avanços sejam dignos de comemoração, não podemos ser complacentes. Para que o mundo alcance o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável de erradicar a extrema pobreza até 2030, o Banco Mundial já deixou claro que precisamos promover uma distribuição mais equitativa do crescimento, com uma redução correspondente da desigualdade.<sup>6</sup> Na análise da distribuição de renda realizada pela Oxfam em 2016, baseada em dados do Banco de Dados da Distribuição Mundial de Renda (*World Income Distribution Database*),<sup>7</sup> observamos que enquanto a renda dos 10% mais pobres aumentou nas últimas décadas, ela cresceu em apenas US\$ 3 dólares adicionais por ano. Ao mesmo tempo, a renda dos 10% mais ricos aumentou em US\$ 11.800, ou 182 vezes mais.<sup>8</sup> O fato de esses dados subestimarem a renda dos mais ricos é bem reconhecido. Esses resultados revelam uma visão particularmente conservadora do fosso entre os muito ricos e os pobres e como os mais ricos ficam com a fatia maior do crescimento econômico. Para a maioria dos países nos quais os dados sobre os mais ricos estão disponíveis, eles revelam que o 1% mais rico continua a se distanciar do resto da população.<sup>9</sup> Para que possamos acabar com a injustiça causada pela extrema pobreza, é evidente que precisamos abordar a questão da desigualdade econômica.

Além disso, a linha de extrema pobreza permanece em um patamar dolorosamente baixo, o qual indica simplesmente se uma família tem meios suficientes para sobreviver e nada mais. Na maioria dos países, a linha nacional de pobreza está muito acima de US\$ 1,90 por dia e sabemos que bilhões de pessoas em todo o mundo vivem abaixo das linhas nacionais e de outros indicadores multidimensionais da pobreza. Na análise da distribuição da riqueza realizada pela Oxfam, focamos um aspecto importante do poder econômico, o dos ativos, já que eles permitem que as pessoas façam frente a imprevistos financeiros e garantem oportunidades para investimentos futuros. Sabemos que é possível aumentar o consumo para satisfazer necessidades básicas contraindo empréstimos predatórios, mas esses empréstimos não são nem sustentáveis, nem justos.<sup>10</sup> Sabemos também que despesas médicas inesperadas podem empobrecer pessoas inexoravelmente.<sup>11</sup> A análise da distribuição da riqueza realizada pela Oxfam ajuda a chamar atenção para injustiças econômicas mais amplas, que vão muito além dos índices de extrema pobreza.

## De olho no futuro

A Oxfam continuará trabalhando com o banco Credit Suisse, a revista *Forbes* e outras fontes de dados para revelar a magnitude da desigualdade econômica no mundo. Nenhuma fonte de dados é perfeita e a Oxfam faz um apelo no sentido de que a qualidade dos dados disponíveis seja rápida e radicalmente melhorada, principalmente nos países mais pobres do mundo. A Oxfam faz também um apelo particular por melhorias nos dados sobre renda, para que reflitam mais precisamente a renda e a riqueza detidas pelos que estão no topo da sua distribuição. De modo geral, pouquíssimos políticos de qualquer orientação discordam que os atuais níveis de desigualdade são os mais altos registrados em um século e que constituem um sério motivo para preocupação. A Oxfam espera que os relatórios que elabora para o Fórum Econômico Mundial em Davos, assim como seus demais relatórios sobre a desigualdade e a pobreza, possam continuar contribuindo em alguma medida para um debate sério e importante sobre a dimensão da crise da desigualdade e sobre o que pode ser feito para superá-la.

# NOTAS

- 1 K. Dolan., (2012). "Methodology: How we crunched the numbers". <http://www.forbes.com/sites/kerryadolan/2012/03/07/methodology-how-we-crunch-the-numbers/#cef58c715113>
- 2 R. Fuentes-Nieva. (2014). "Anatomy of a killer fact: The world's 85 richest people own as much as the poorest 3.5 billion". Blog do *Poverty to Power*. <http://oxfamblogs.org/fp2p/anatomy-of-a-killer-fact-the-worlds-85-richest-people-own-as-much-as-poorest-3-5-billion/>
- 3 Banco Credit Suisse. (2016). "Global Wealth Report 2016". <http://publications.credit-suisse.com/tasks/render/file/index.cfm?fileid=AD783798-ED07-E8C2-4405996B5B02A32E>
- 4 Veja o gráfico 4 do relatório "US Inflation Developments" de Stanley Fischer, Vice-Presidente do Fed (agosto de 2015). <https://www.federalreserve.gov/newsevents/speech/fischer20150829a.htm>
- 5 Banco Mundial. (4 de outubro de 2015). "World Bank Forecasts Global Poverty to Fall Below 10% for First Time; Major Hurdles Remain in Goal to End Poverty by 2030". Comunicado à imprensa <http://www.worldbank.org/en/news/press-release/2015/10/04/world-bank-forecasts-global-poverty-to-fall-below-10-for-first-time-major-hurdles-remain-in-goal-to-end-poverty-by-2030>
- 6 Banco Mundial. (2016). "Poverty and Shared Prosperity 2016: Taking on Inequality". DOI: 10.1596/978-1-4648-0958-3 <http://www.worldbank.org/en/publication/poverty-and-shared-prosperity>
- 7 Dados de Lakner e Milanovic (2013). Todas as rendas estão expressas em dólares em paridade de poder de compra em 2005, que representam rendas reais em 2005. <http://econ.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/EXTDEC/EXTRESEARCH/0,,contentMDK:23690796~pagePK:64214825~piPK:64214943~theSitePK:469382,00.html>
- 8 D. Hardoon, S. Ayele. (2016). Nota Metodológica do relatório "Uma Economia para o 1%: Como privilégios e poderes exercidos sobre a economia geram situações de desigualdade extrema e como esse quadro pode ser revertido". <http://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/an-economy-for-the-1-how-privilege-and-power-in-the-economy-drive-extreme-inequ-592643>
- 9 Banco Mundial. (2016). "Taking on Inequality". Op. cit.
- 10 Um relatório a ser publicado brevemente pela Oxfam sobre a Indonésia inclui uma entrevista com EP, cuja história é tipicamente igual à de muitos trabalhadores forçados a contrair grandes dívidas apenas para satisfazer suas necessidades básicas. Segundo o EP, quase 90% dos operários da fábrica na qual ele trabalha pagam juros de 20% sobre suas dívidas.
- 11 E. Seery. (2014). "Working for the Many: Public services fight inequality". <https://www.oxfam.org/sites/www.oxfam.org/files/bp182-public-services-fight-inequality-030414-en.pdf>



© Oxfam Internacional janeiro de 2017

Este documento foi redigido por Deborah Hardoon. A Oxfam agradece a assistência de Irene Guijt na sua produção. Ele faz parte de uma série de documentos produzidos para subsidiar debates públicos sobre questões relacionadas a políticas de desenvolvimento e humanitárias.

Para obter mais informações sobre as questões abordadas neste documento, favor enviar um e-mail para [contato@oxfam.org.br](mailto:contato@oxfam.org.br)

Esta publicação é protegida por direitos autorais, mas seu texto pode ser usado gratuitamente em ações de *advocacy*, em campanhas e para fins educacionais e de pesquisa, desde que a fonte seja citada na íntegra. O titular dos direitos autorais solicita que todas essas utilizações sejam registradas para que seus impactos possam ser devidamente avaliados. Para cópias em quaisquer outras circunstâncias, reutilização em outras publicações ou tradução ou adaptação, será necessário solicitar sua permissão e poderá ser cobrada uma taxa. E-mail [contato@oxfam.org.br](mailto:contato@oxfam.org.br).

As informações contidas nesta publicação estão corretas no momento da sua impressão.

Publicada pela Oxfam GB para a Oxfam Internacional, sob ISBN 978-0-85598-868-5, em Janeiro de 2017.

Oxfam GB, Oxfam House, John Smith Drive, Cowley, Oxford, OX4 2JY, UK.

## A OXFAM

A Oxfam é uma confederação internacional de 20 organizações que trabalham em rede em mais de 90 países como parte de um movimento global em prol de mudanças necessárias e no intuito de construir um futuro livre da injustiça da pobreza. Favor entrar em contato com qualquer dessas organizações para obter informações adicionais ou visite o site [www.oxfam.org.br](http://www.oxfam.org.br).